

Revista AJUFE de

Cultura

Ano 10 - Junho de 2018 - Nº 12

_O TOM DA TOGA

Entrevista com a juíza federal
e cantora Laís Leite

_OPERAÇÃO POETA

Os versos tentados de um juiz poeta

_DA SENTENÇA AO CINEMA

Diz a lenda, obra de juiz federal
cordelista vira filme

_DESDE PEQUENO

História em quadrinhos





*Momento registrado durante a 6ª edição da Expedição da Cidadania,
na região de Santo Amaro (MA), em setembro de 2017.*

Foto: JM Bezerra

Fim do dia nos lençóis maranhenses, capturado durante a 6ª edição da Expedição da Cidadania, na região de Santo Amaro (MA), em setembro de 2017.

Foto: JM Bezerra





Diretoria da AJUFE - Biênio 2016/2018

Presidente

Roberto Carvalho Veloso

Diretor Cultural

Marcos Mairton da Silva

Vice-Presidente da 1ª Região: André Prado de Vasconcelos

Vice-Presidente da 2ª Região: Eduardo André Brandão de Brito Fernandes

Vice-Presidente da 3ª Região: Marcelle Ragazoni Carvalho Ferreira

Vice-Presidente da 4ª Região: Nelson Gustavo Mesquita Ribeiro Alves

Vice-Presidente da 5ª Região: Antônio José de Carvalho Araújo

Diretoria

Secretário-Geral: Fernando Marcelo Mendes

Primeiro Secretário: Rodrigo Machado Coutinho

Tesoureiro: Frederico José Pinto de Azevedo

Revista: Fernando Quadros da Silva

Social: Marcelo da Rocha Rosado

Relações Internacionais: Raquel Coelho Dal Rio Silveira

Assuntos Legislativos: Carlos Eduardo Delgado

Relações Institucionais: Candice Lavocat Galvão Jobim

Assuntos Jurídicos: Alexandre Ferreira Infante Vieira

Esportes: Gabriela Hardt

Assuntos dos Aposentados: Sérgio Feltrin Corrêa

Comunicação: Paulo André Espírito Santo Bonfadini

Administrativo: Alexandre Berzosa Saliba

Tecnologia da Informação: Marcelo Lelis de Aguiar

Coordenador de Comissões: Fábio Moreira Ramiro

Prerrogativas: Marcel Citro de Azevedo

Suplente: Paulo César Villela Souto Lopes Rodrigues

Suplente: Fernando Nardon Nielsen

Suplente: Sandro Nunes Vieira

Suplente: Ronivon de Aragão

Conselho Fiscal

Claudio Kitner

José Airton de Aguiar Portela

Marianina Galante

Suplente: Leonardo da Costa Couceiro

Suplente: Marcelo Guerra Martins

Expediente

Edição virtual da

Revista AJUFE de Cultura nº 12 - 2018

Coordenação e edição: Priscilla Peixoto

Projeto Gráfico e diagramação: Lucas Soares

Revisão: Eduardo Gomes

Colaboração: Priscilla Castro e Vitor Luna

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, as opiniões da revista ou da Ajufe.

É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos e ilustrações sem prévia autorização.

Revista não destinada à venda, com veiculação digital realizada pela Associação dos Juizes Federais do Brasil - Ajufe.

Presidente da Ajufe

Roberto Carvalho Veloso

Colegas,

Apresento-lhes a Revista de Cultura da Ajufe, a primeira eletrônica, que poderá ser acessada de qualquer computador ou celular.

Nela, iremos encontrar poesias, história em quadrinhos, contos, entrevistas, uma com o ministro Og Fernandes sobre o livro "Cabeça de Juiz", outra com a juíza federal Laís Leite, que nas horas de lazer encanta com a sua voz, e fotos dos participantes do concurso do calendário da AJUFE.

Boa leitura a todos!

Diretor Cultural

Marcos Mairton da Silva

Que o ofício de julgar requer sensibilidade, é algo que não se contesta. Um juiz não é um mero aplicador de leis, exercendo uma atividade automática, mecânica.

Para julgar é preciso sentir, perceber, ponderar normas e valores, refletir sobre condutas...

Não é de admirar que juizes sintam atração pelas artes, seja admirando obras, seja as criando.

É para dar vazão a essa atração pelas artes que existe a Revista de Cultura da Ajufe.

Neste número, estão presentes a literatura - em prosa e poesia - a música, o cinema, a fotografia... Uma produção cultural que bem reflete a sensibilidade e a criatividade dos juizes federais brasileiros.

O formato deste número da revista está renovado.

É o primeiro digital, abrindo todas as possibilidades que as novas tecnologias proporcionam. E chegando a muito mais leitores, vez que livre do suporte físico, em papel.

Agora, cabe a você, associado, fazer a sua parte.

Leia, aprecie, compartilhe. E prepare seus trabalhos para a próxima edição.

Sumário

8

A BARBA

Danilo Fontele Sampaio

10

O DONO DOS CORAÇÕES

José Eduardo Leonel

12

DA SENTENÇA AO CINEMA

Diz a lenda, obra de juiz federal
cordelista vira filme

14

O TOM DA TOGA

Entrevista com a juíza
federal e cantora Laís Leite

18

OPERAÇÃO POETA

Os versos tentados de
um juiz poeta

20

DESDE PEQUENO

História em quadrinhos

22

CABEÇA DE JUIZ

Entrevista com o ministro do
STJ Og Fernandes

26

BREVES ANOTAÇÕES DE UM ANDARILHO

Livro de microcontos do juiz
federal Marcos Mairton

28

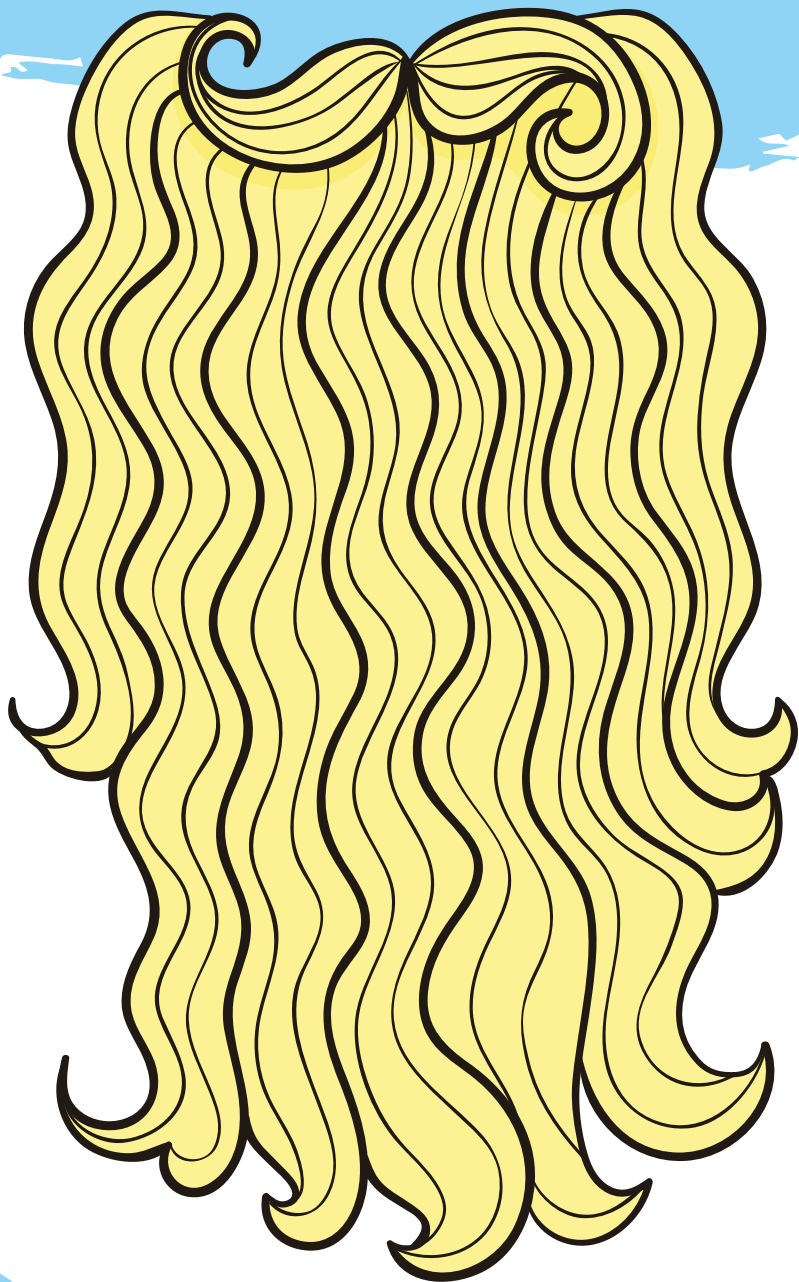
CLIQUES O ANO TODO

Galeria – Autores das fotos
do Calendário AJUFE 2018

Literatura

Por
Danilo Fontenele Sampaio
José Eduardo Leonel

A barba



Texto
Danilo Fontenele Sampaio,
juiz federal

Ilustrações
Ascom AJUFE

Fiz cinquenta há três anos. Nada demais. Não quis festa especial nem nada. Foi um aniversário como outro qualquer, sem importância destacada. Simplesmente achei que fazer 50 não merece um realce maior, mesmo sendo meio século e o tempo em que a maioria das pessoas faz um balanço da vida, verifica suas realizações, inventaria os sonhos concretizados e refaz os por vir.

Fisicamente não me percebi assim tão mudado em relação a uma década atrás. As dores lombares e nos joelhos já me acompanham há algum tempo e continuaram, mas nada assim tão significativo. Os cabelos estão grisalhos e rareando há algum tempo também, de maneira que nem notei nada de diferente.

E passaram-se três anos, sem maiores modificações.

Estando de férias da Justiça, mas ainda em tempo de aulas, resolvi descansar a pele do rosto, não fazendo a barba por uma semana. Um colega mais novo me incentivou a mantê-la rala como a dele, garantindo estar na moda e até fazendo sucesso.

Assim como a maioria dos homens, sempre deixei de me barbear apenas aos finais de semana, e ficar por tempo maior era algo que eu nunca tinha feito.

A partir do terceiro dia comecei a sentir coceiras, por causa dos pelos crescendo, mas persisti às comichões espinhentas e até mesmo aos incômodos de sentir as breves picadas, ao tocar nos micros projéteis capilares que cresciam desordenadamente.

Fiz ouvidos moucos aos apelos de “tira isso” e “parece que está sujo” e, ao final da primeira semana, estava com um razoável projeto de barba. Na verdade, uma *proto* barba ainda em desalinho. Resolvi deixar por mais uma semana, mesmo me desviando de olhares de estranheza e ignorando murmúrios à sorrelfa dos alunos.

Surpreendentemente, durante os dias seguintes, ouvi alguns elogios, do tipo “está muito bom professor”, “olha só como assentou bem” e até um ousado “ficou mais charmoso”. Daí para me achar um George Clooney foi um passo.

Na terceira semana passei a gostar ainda mais daquela barba completamente grisalha, mas densa e com os pelos agora decididos a crescerem em uma única direção.

Aparei um pouco, fiz os contornos com o máximo de precisão possível e passei a realmente achar que fiquei bem, e até com uma aparência mais máscula. Vi ali um toque de rusticidade experiente, um semblante viril de aspecto decidido, que passei a combinar com um olhar meio de lado, cultivando um mistério por trás daquela máscara branca de fortaleza rija consolidada no tempo.

Interessante que notei ter adquirido um andar mais seguro, com passos vigorosos, como que ambulando uma prova viva de um homem que desafia a ação do tempo, um andante diamantino dos anos, um soberano de si, um reproduzidor fornido em pelos que testemunhavam a invencibilidade de um improvável viking dos trópicos.

Com essa intrepidez de um lenhador, na tarde de ontem fui comprar um remédio para gripe, numa dessas farmácias novas que se instalaram recentemente, e logo me deparei com a primeira chamada do mundo.

Mal tinha entrado, fui colhido por um dos super treinados atendentes que me deu boas vindas e passou a me metralhar com explicações do

sistema de pontuação como cliente *vip plus*, ou algo assim, bastando o credenciamento, sem qualquer acréscimo. E falava tão rápido como aqueles meninos de Olinda e Juazeiro, que derramam em torrentes textos decorados. Sem fechar a boca cheia de dentes, o rapaz foi pegar o remédio simples e barato que pedi, ao mesmo tempo em que explanava, com a rapidez de um leiloeiro texano, as promoções exclusivas daquele dia.

- Temos hoje, mas apenas hoje, uma superpromoção de descontos desse fortificante aqui, exclusivo para maiores de 60 anos.

Ao perceber o crisar do meu olhar, o rapaz tentou consertar, perguntando, agora derretendo as feições em gaguejar titubeante, algo como “O senhor...conhece alguém para a promoção...?”

Aproveitei que estava na rua e fui ao supermercado (sim, minhas férias são repletas de aventuras e badalação). Desfilei minha terceira semana de barbaçudo por entre as gondolas, peguei uns poucos produtos e fui ao caixa normal.

Estava esperando pacientemente a fila andar, com a calma confiante dos que conquistaram os meridianos da vida quando, de súbito, o baque surdo e duro da realidade se fez presente, a partir de uma única frase, pronunciada por uma mocinha que abria o caixa vizinho.

Seu olhar terno e licoroso e seu sorriso meigo e delicado acompanharam a fala suave e carinhosa, ao me avisar que eu poderia me dirigir até ela e ser atendido de imediato.

- É caixa preferencial... – disse.

Num primeiro momento, deixei-me abater pela sensação de que ela sentenciava minha ancianidade barbada. Só depois pensei melhor e cheguei a uma conclusão mais sensata: vai ver ela pensou que eu estava grávido!





O dono dos corações

Texto
José Eduardo Leonel,
juiz federal

Ilustrações
Ascom AJUFE

Caía a tarde em Loff rey, e o inevitável dava as caras. O encontro das seiscentas pessoas que acompanhavam Napoleão desde Elba e o exército de seis mil soldados do 5º. Batalhão Francês, mandados por Luís XVIII.

Estou com o Sire, como estarei para sempre, mas não escondo o quase mal-estar generalizado entre nós. Qual o destino de nossa batalha, senão o fracasso? Ou o Sire acha que cada um de nós abaterá dez oponentes antes de cair? Que horas ele nos mandará abrir fogo e morrer?

Neste momento, o Sire exhibe uma assombrosa calma, destoante, de forma completa, com a realidade que o rodeia.

Sua paz de espírito nos espanta a todos. Napoleão, como de hábito, sempre surpreende, sempre enxerga as coisas de uma forma diferente do restante da humanidade. Sua serenidade é absoluta, não há um só traço de apreensão, mínima que seja.

Para desconcertar ainda mais a todos seus seguidores, ele exhibe esta placidez com aquele ar de superioridade de sempre e com uma ponta de indisfarçável regozijo. Ouso dizer que o faz quase com felicidade.

Daí que todos nós estejamos com sensações ambíguas, e não por outro motivo disse que tínhamos um “quase mal-estar”. Ele não era total porque a presença serena do imperador nos atirava, vez ou outra, para fora dos lindes do pensamento racional, e nos turvava a vista – embora não a escondesse por completo – de uma realidade brutal: a vitória de uns mal armados corsos e franceses sobre um regimento inteiro do exército francês era impossível.

Restava, apenas, saber qual o conceito do Imperador de “impossível”, e esta crença quase mística na capacidade de Napoleão que nos sustentava.

Mas tudo tem um limite. Quando chegamos a menos de mil metros das tropas francesas, de súbito se apossou de todos nós um sentimento forte de que iríamos morrer. Mas, um milésimo de segundo antes que alguém fizesse menção a parar o avanço, o próprio Sire o fez. “Parem e abaiquem as armas” disse.

Como ele conseguia sentir qual o exato momento em que a crença nele seria superada pelo medo da morte e, ainda por cima, intervir neste exato momento? Nunca saberei. Depois do que aconteceu em Loff rey, conversei com vários de nossos companheiros, e todos, como eu, estavam assombrados com isto, como o Sire soube avançar passo a passo as tropas e como ele teve a perfeita ciência soube o momento preciso em que o terror se instalaria em nossos corações para intervir, imediatamente antes, surpreendendo, mais uma vez, a todos.

Como conhecer tanto, assim, o coração dos homens, a ponto de escutá-los, minuto a minuto, a ponto de, antecipando-se, dominar-lhes contra o próprio instinto de viver? Por um segundo me vem a mente um pensamento bizarro. Será que o Sire sabe ler o coração de todos os homens? O que aconteceria a seguir mostraria que minha tese estava longe de ser extravagante.

Voltando à realidade, eis que baixamos as armas, como ordenado. Feito isto, vimos, atônitos, que Napoleão desce do seu cavalo e caminha rumo à tropa de Luís XVIII. Sozinho.

Depois de uma surpresa, da qual mal nos recuperamos, outra surpresa do Imperador, maior, muito maior que a primeira.

“Meu Deus, o Imperador vai negociar, sozinho, com o inimigo”. Daí em diante já temos a certeza de que presenciamos um momento histórico, que restará para a eternidade. O próprio Imperador, a pé, só e desarmado, vai negociar, sabe-se lá o que, com o 5º.



Batalhão. Na verdade, ele não ia negociar. Napoleão só negociava com príncipes.

“Se vocês querem matar seu imperador, aqui estou”. Dito isto, abre a casaca e, ao invés de tiros, recebe a euforia da tropa pela volta de seu Sire. “Viva o Imperador”, ouvia-se por todos os lados. Ele tomara um regimento para si. Com uma frase.

Coisas deste tipo já ocorreram, dizem os historiadores, mas remontam aos Césares, a Alexandre. No entanto, os relatos dos guerreiros da antiguidade guardam a suspeita do exagero dos contadores, pois nunca mais se viu nada sequer semelhante a estes feitos de grandeza suprema. Até o dia de hoje.

Em todos aqueles segundos, impressionara a limpidez e calma da voz de Napoleão, que derivava da consciência aguda que tinha de seu poder. Talvez uma ligeira, sutil alteração de tom transparecesse esta consciência absoluta de uma autoridade incontestável.

Da laringe imperial as palavras deslizaram, ao mesmo tempo, suaves, carinhosas, mornas, doces e, inacreditavelmente, encharcadas com uma aura de poder irreprimível, irresistível. De dentro de uma hipnose coletiva, me vi subitamente partícipe de uma catarse, de uma euforia. Um torvelinho de emoções que, no seu rodopiar de êxtase, apontava o caminho da multidão entorpecida rumo ao coração da França.

Dois mil anos aguardamos que a grandeza nos visite. Hoje, é o seu dia. E eu estou aqui para vê-la, ladeado de amigos e inimigos que somam quase sete mil testemunhas.

Esta batalha já estava ganha. Com seu olhar de águia, o Sire já enxergou o desfecho, muito antes dele ocorrer. Acima de tudo, Napoleão sabia que aquela não era uma batalha entre bazucas, entre regimentos. Aquela batalha era pelo coração dos franceses. E o imperador já era o dono absoluto de todos eles.

Nenhuma briga. Nenhum disparo. As palavras do ser amado bastam para quem ama.

Imagem

Napoleão cruzando os Alpes, de Jacques-Louis David (1801, Castelo de Malmaison)



DA SENTENÇA AO CINEMA

Por **Priscilla Peixoto** Ilustrações **Ascom Ajufe**

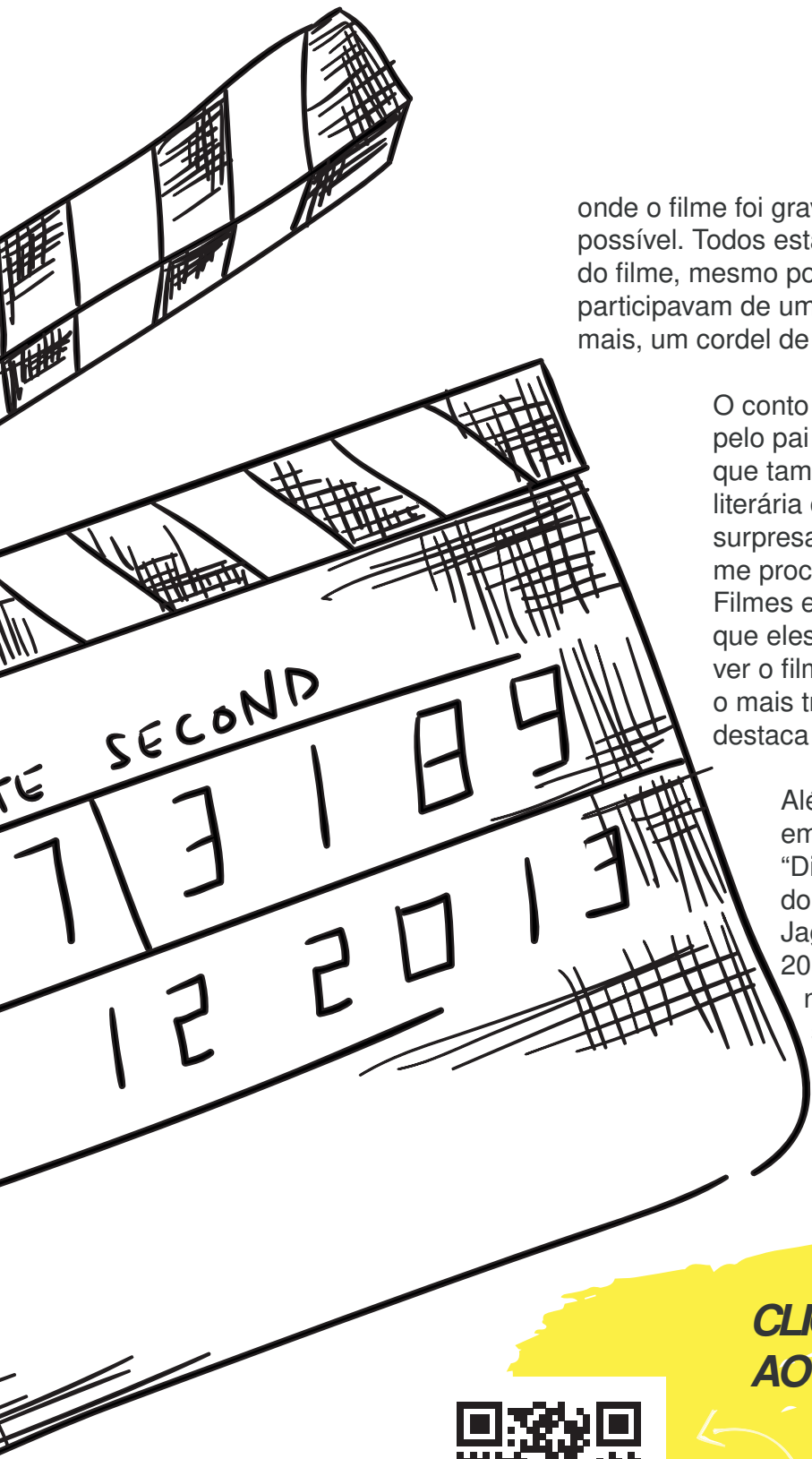
Um conto, que aborda o universo do cordel e da cantoria, inspirou um cineasta e virou curta-metragem. O que seria apenas para ficar no papel, ultrapassou as linhas da escrita e transformou-se no filme “Diz a Lenda”. A obra, adaptada para o cinema por Márcio Del Picchia, é “Cantoria de Excelência” de autoria do escritor, poeta, cordelista, compositor e juiz federal cearense, Marcos Mairton.

O curta, lançado no ano passado durante a Semana do Audiovisual Cearense, conta a história de um senador vaidoso, que convida os aliados para a “5ª reunião da Celebração Anual da Aliança Republicanista”. No entanto, a lista de penetras e o talento de uma dupla de repentistas acabam transformando o encontro político em um verdadeiro vexame para o anfitrião. Poderia até ser uma lenda, como o título do filme sugere, mas o típico escândalo perpassa as tramas reais desenroladas no Congresso Nacional.

A escolha do conto, segundo o diretor Márcio Del Picchia, se deu a partir da intenção de transmitir “de forma jocosa a percepção popular da hipocrisia de setores importantes da sociedade e enfatizar os recursos do desafio como importante ferramenta de comunicação popular”, explica. “E tudo isso graças a emoção e o sentimento que uma obra de arte, nesse caso travestida de poesia/conto, traz para cada leitor”, finaliza Del Picchia.

O diretor de produção, Paulo Letier, conta que o elenco principal é composto, principalmente, de atores de Fortaleza e da cidade de Aracati, no litoral do Ceará,



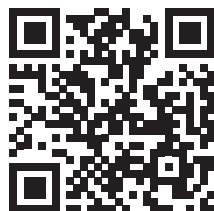


onde o filme foi gravado. “A reação dos atores foi a melhor possível. Todos estavam empolgadíssimos em participar do filme, mesmo porque diziam que era a primeira vez que participavam de um filme onde o mote principal era um cordel, e mais, um cordel de um Juiz Federal”, comemora.

O conto do juiz federal Marcos Mairton foi descoberto pelo pai do diretor do filme (Walter Del Picchia, que também participa como ator), que leu a coluna literária do magistrado na internet. “Tive uma surpresa quando o diretor de produção, Paulo Letier, me procurou, falando do interesse da Del Picchia Filmes em adaptar meu conto para o cinema. Depois que eles me mostraram o roteiro, fiquei ansioso para ver o filme. A noite de estreia, no Cine São Luiz, o mais tradicional de Fortaleza, foi inesquecível”, destaca Mairton.

Além da gloriosa estreia no Cine Teatro São Luiz, em Fortaleza, que reuniu cerca de 500 pessoas, “Diz a Lenda” foi apresentado em diversas cidades do interior do Ceará: Limoeiro do Norte, Icapuí, Jaguaruana e Russas foram algumas delas. Em 2017, o curta venceu o prêmio de melhor roteiro, no 7º Festival de Maracanaú, e de melhor trilha sonora no Festival Curta Canoa.

**CLIQUE [AQUI](#) E ASSISTA
AO CURTA-METRAGEM.**



*Ou aponte o smartphone ao
QR CODE para assistir.*



O tom da Toga

Conheça a história da juíza federal, associada da Ajufe, que concilia a atenção aos processos com a paixão pela música

Por **Priscilla Peixoto**

Ilustrações **Ana Paula Castro**

Apaixonada pela música, a juíza federal Laís Leite concilia os trabalhos da carreira na magistratura com o amor pelas composições e melodias. Desde criança, ela convivia com a música e sonhava em ser cantora. Já na adolescência, esboçou as primeiras poesias que, mais tarde, passaram a ser inspiradas por melodias.

Neste ano, Laís lançou o primeiro álbum com composições próprias, intitulado “Menina Mulher”. Nas canções, o retrato do que fora vivido por ela quando conheceu o atual noivo, que é músico profissional e responsável pela produção e gravação do cd.

A elaboração do disco aconteceu justamente entre o resultado da prova oral do concurso e a posse na magistratura, em janeiro de 2017. Para ela, uma fase de transição e amadurecimento, quando deixou a família para realizar um outro sonho: ser juíza federal.

Nesta entrevista, Laís conta que a intenção maior é viver a música intensamente, utilizando-a como uma válvula de escape diante das situações estressantes do cotidiano da magistratura. E, tem mais, o segundo disco de Laís já está no forno.

Acompanhe a entrevista:

1 **RCAjufe:** Desde quando a música entrou na sua vida?

Laís Leite: **A música sempre esteve presente em minha vida.** Meus pais são muito musicais e em minha casa nunca faltaram discos de artistas da melhor qualidade, tanto no cenário nacional quanto no internacional. Desde muito cedo eu já havia decidido que seria cantora e, graças a Deus, esse sonho nunca morreu dentro de mim. Na escola, não perdia a oportunidade de participar de eventos cantando e encenando, sendo que o palco, até hoje, é o lugar em que mais gosto de estar.

2 **RCAjufe:** Quando você decidiu que iria investir na carreira musical?

Laís: Na verdade, nunca pensei em seguir a carreira musical como profissão. **Prefiro fazer música de forma totalmente independente, como simples exercício do meu direito de liberdade de expressão** e, quem sabe, agradar algumas pessoas, vivendo um pouco meu sonho de criança. Antes de tomar posse na magistratura (em janeiro de 2017), constantemente me apresentava em casas de show da minha cidade, cantando covers de música brasileira e internacional.

3 **RCAjufe:** Além de cantora, você é compositora. De onde surgem essas inspirações?

Laís: Além da música, a literatura brasileira também sempre foi algo que me encantou. Na verdade, sou

apaixonada pelo Brasil e pela sua diversidade cultural. **Na adolescência, esbocei minhas primeiras poesias, mas depois dos vinte anos de idade, os poemas começaram a vir na minha cabeça já com melodias, a qualquer momento do dia e sobre diversos temas.** Passei a gravar tudo no celular, pra não esquecer, até que um dia tive coragem de mostrar para minha família e alguns amigos músicos, que gostaram, e nunca mais parei. um pouco meu sonho de criança. Antes de tomar posse na magistratura (em janeiro de 2017), constantemente me apresentava em casas de show da minha cidade, cantando covers de música brasileira e internacional.

4 **RCAjufe:** Esse foi o seu primeiro disco? Como foi a concepção do álbum? Quais ideias passaram pelo processo de produção?

Laís: O álbum “Menina Mulher” é o meu primeiro disco, que consiste numa reunião de todas as músicas de amor que fiz quando conheci o meu noivo e mandava pra ele pelo celular no início do namoro. Ele é músico profissional, produtor musical, tem um estúdio em casa e fez todo o trabalho de produção e gravação gratuitamente pra mim. **E toda essa história aconteceu entre o resultado da minha prova oral do concurso e a posse na magistratura.** O nome do disco “Menina Mulher” deve-se justamente a essa fase de transição e amadurecimento, pois eu teria que mudar bastante o meu estilo de

vida e morar longe da minha família para realizar outro sonho: ser juíza federal. O gênero do disco pode ser enquadrado como música popular brasileira, em razão do tema das canções e respectivos arranjos.

5 **RCAjufe:** Como está o trabalho de divulgação do disco “Menina Mulher”? Você concilia as atividades da carreira, como juíza federal, com o hobbie pela música?

Laís: O trabalho de divulgação é quase zero. Eu e meu noivo postamos algumas coisas nas redes sociais, mas nada de grande repercussão. A intenção maior é viver a música intensamente e poder me manifestar por meio das canções, **principalmente agora, na magistratura, em que temos que lidar com situações estressantes cotidianas inevitáveis, e uma válvula de escape é sempre muito bem-vinda.** Às vezes saio do trabalho e vem uma música quase toda pronta na cabeça enquanto estou no carro indo pra casa. Quando componho uma música, gravo imediatamente no celular e mando pro meu noivo, que diz se vale, ou não, a pena gravar. Se sim, ele logo faz o arranjo no estúdio dele (pois toca praticamente todos os instrumentos) e me envia por e-mail. Assim, apesar da distância, nos sentimos mais perto e vivencio a música em qualquer lugar que eu esteja. **Inclusive, depois que virei juíza, as composições ficaram muito mais maduras, as harmonias e as letras estão mais ricas e a música brasileira**

regional e o samba estão presentes em todos os arranjos. O segundo disco já está no forno, com 11 canções, e a minha voz, nas gravações, também ficou muito mais madura. **Agora que estou longe da banda e com a vida bastante corrida, deixo os shows e apresentações para as minhas férias.**

6 RCAjufe: Quais as apresentações mais marcantes? Você já dividiu o palco com grandes nomes da música?

Laís: A melhor apresentação que fiz até hoje foi o lançamento do meu próprio disco, “Menina Mulher”, em março deste ano, nas minhas férias. **A emoção de cantar a própria música é inexplicável.** Ainda não dividi o palco com músicos de renome nacional, mas na minha cidade sempre me apresentei ao lado dos melhores profissionais, que me dão total apoio e sou eternamente grata por isso.

Nunca tive dificuldade em conciliar o Direito com a música. São duas paixões que, em mim, se completam. Não imagino a minha vida sem o Direito. Se não fosse magistrada, seria advogada ou faria outro concurso público na área

jurídica. Meu pai é desembargador do trabalho aposentado, doutrinador e professor universitário de direito processual do trabalho. A minha personalidade e meus valores se formaram no meio de intensos debates jurídicos dentro de casa desde que nasci e meus pais sempre frisaram a importância de cumprir a lei. A magistratura é uma vocação. Estou realizada na profissão.

7 RCAjufe: O cotidiano da magistratura influencia, de alguma forma, nas composições?

Laís: Como dito, depois que virei juíza, minhas composições mudaram drasticamente. A magistratura é uma atividade altamente reflexiva. Inevitavelmente levamos o trabalho pra casa, na cabeça, pois estamos sempre preocupados em adotar a melhor solução e ela nem sempre vem pronta na lei, nos livros e na jurisprudência para decidirmos. **É uma atividade gratificante, pois conseguimos realizar os anseios de justiça do ser humano no caso concreto,** mas com isso vem o peso da responsabilidade de fazer a coisa certa sempre. Nesse contexto, a minha forma de ver o mundo mudou. Passei a lidar com realidades sociais que desconhecia. Conseqüentemente, as minhas novas composições são fruto desse processo.



8 RCAjufe: Qual o papel da música na sua vida?

Laís: O papel da música na minha vida? Permitir o exercício pleno do meu direito de liberdade de expressão, ter uma válvula de escape para as adversidades que enfrentamos no cotidiano e, quem sabe, levar um pouco de felicidade para as pessoas que ouvem.



O álbum *Menina Mulher*

está disponível nas
seguintes plataformas:



SPOTIFY
OUÇA!



DEEZER
OUÇA!



YOUTUBE
OUÇA!



Assista **AQUI** ao vídeo da
versão acústica da música
"Menina Mulher" ou
aponte o smartphone ao
QR CODE para assistir.





Operação *Poeta*

Veja alguns dos poemas “tentados” do juiz federal Vallisney de Souza Oliveira

Por **Priscilla Peixoto**
Ilustrações **Ascom AJUFE**

Além de ser um dos responsáveis por ações como a Operação Lava Jato, Zelotes e Greenfield, na primeira instância, o juiz federal Vallisney de Souza Oliveira mantém um site atualizado com poemas escritos por ele. Os “poemas tentados”, como o magistrado os classifica, revelam situações de vida e são todos datados e assinados com suas iniciais: VSO.

Além deles, o site do juiz traz uma seleção de poemas transcritos por outros autores. Por lá estão textos de poetas renomados como Castro Alves, Olavo Bilac, MuVarilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Vallisney de Souza Oliveira ainda reúne, em prosa, citações jurídicas, literárias, temas sobre juristas e direito processual.

Nesta edição da revista, trouxemos três poemas escritos pelo magistrado poeta. Confira.

Aprendizado - 21.10.2017

Aprendo com meus erros,
no mesmo credo,
na mesma dor,
na mesma lâmpada
que acendo no meu interior;
aprendo com meus erros,
múltiplos, imensos,
com eles muito aprendo;
com o leite derramado,
com o cérebro perfurado
por infinitas ideias perpassadas,
motins do tempo sangue suga
de inexperiências e apontamentos;
releio do relento o rol de lições,
esperas, esforços, reflexões,
não ser traiçoeiro, saber decorar a paz,
e tentar retirar esporas escondidas
dos desdouros refletidos nas sombras
das tentativas e dos movimentos;
aprendo com degredos e segredos,
com minhas ignorâncias e reiteraões
e me alinho curvo à sucessão errática
de força, fraqueza, coragem e medo.
(VSO)

Reviver – 04.02.2018

Mesmo na pressa
é bom reviver,
porque a vida acaba
e o epílogo extingue
qualquer pensamento;
adubar a mente,
espalhar sementes,
remarcar existências,
redesenho mais nítido,
nos campos floridos,
folhear, reviver,
fomentar os sentidos.

(VSO)

Procura - 05/ 03 /2017

Eu te procuro, andas por onde?
Cego um olho indo atrás de ti,
mas somes como um Guepardo,
tateio montanhas amazônicas,
caio do cavalo e corro descalço,
enquanto pões asas nos pés
e desapareces, voltas num átimo,
eu te procuro, sempre te escondes,
ando de quatro, tu sobrevoas, flutuas,
sigo de carro, tu vais de avião,
sou de pedra, és leve e moderna,
eu sempre coro por ti de atenção,
porque és deusa verdadeira
para junto estar, amar e viver,
por isso espero cada teu retorno
nesta parada ou noutra estação,
quando poderás vir, ver e sentir
meu eu estirado a ti pelo chão.

(VSO)

**LEIA AQUI
MAIS POEMAS DE
VALLISNEY OILIVEIRA.**

*Ou aponte o smartphone
ao QR CODE e conheça
o site do juiz federal.*



Desde Pequeno

Por Priscilla Peixoto

Ilustrações Rodrigo Camargos

Visando a educação financeira dos pequenos desde cedo, a Funpresp-Jud lançou mais um produto do Programa de Educação Financeira e Previdenciária da Entidade para os filhos dos membros e servidores do Poder Judiciário Federal e Ministério Público da União. A revista traz a história “Judi e os Porquinhos” e diversos passatempos para o público infantil.

A Turma da Judi tem o objetivo de ensinar de forma lúdica e atrativa noções básicas financeiras para ensinar as crianças a poupar para atingir objetivos; economizar; ter noções de gastos imediatos, de médio e longo prazo; identificar o que é essencial, necessário, útil e supérfluo; dentre outros conceitos.

Saibamais

Acesse também o Portal de Educação Financeira e Previdenciária da Funpresp-Jud “Portal Vida Previdenciária” **AQUI**. Ele está repleto de dicas, simuladores, notícias e informações para auxiliar os membros e servidores a gerenciar melhor as finanças pessoais e de sua família.

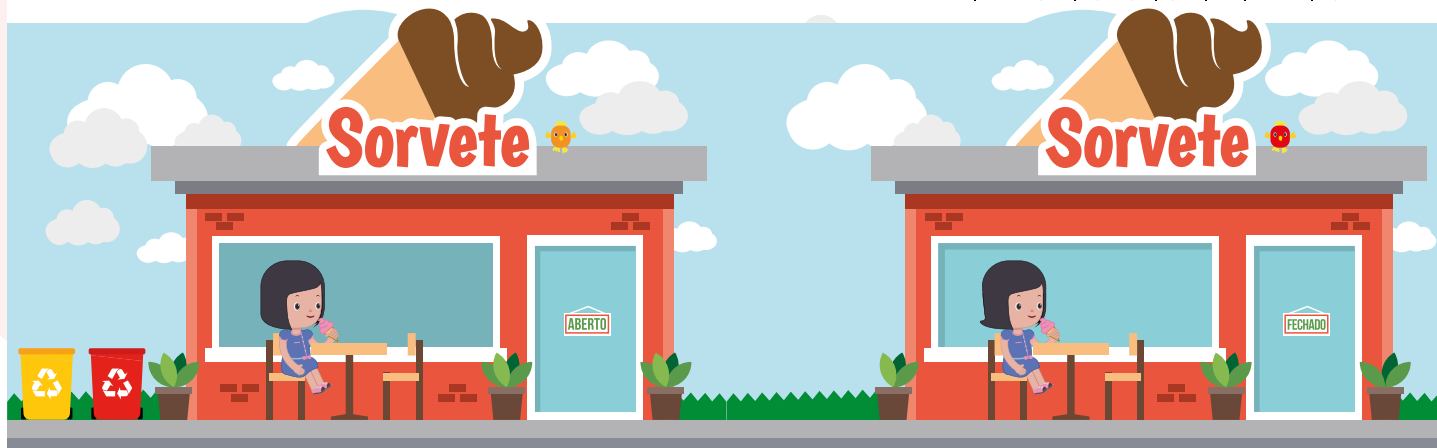
*Ou aponte o smartphone ao
QR CODE e conheça o
site Vida Previdenciária.*



Separamos duas atividades para você, leitor, realizar com os pequenos:

A JUDI JUNTOU O SEU DINHEIRINHO E DECIDIU IR TOMAR UM SORVETE NA LANCHONETE PERTO DA SUA CASA. AGORA PRESTE MUITA ATENÇÃO E ENCONTRE OS 7 ERROS.

Nuvem, passarinho, lixo amarelo, tijolo, cabelo da Judi, fio de amarelo, tijolo, cabelo da Judi, placa da porta, planta na porta.



CAÇA PALAVRAS.

ENCONTRE AS PALAVRAS QUE ESTÃO EM DESTAQUE NAS DICAS DA JUDI:

A **MESADA** QUE O PAPI E MAMÃE DÃO PARA VOCÊ, PODE SER GUARDADA NO **PORQUINHO** QUE SERÁ O SEU **COFRE**.

COMEÇAR A **POUPAR** DESDE CRIANÇA IRÁ AJUDAR A **ECONOMIZAR** E TE ENSINAR O QUE PODERÁ FAZER NO **FUTURO** COM O DINHEIRO QUE GUARDOU.

QUANDO VOCÊ TIVER O **DESEJO** DE COMPRAR UM BRINQUEDO OU UMA ROUPA NOVA, VOCÊ TEM QUE PROCURAR O MELHOR **PREÇO**.

AGORA, COM AS DICAS DA JUDI, VOCÊ PODE CONVERSAR COM SEUS AMIGUINHOS E TODA SUA FAMÍLIA E ENSINAR PARA ELES SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CUIDAR DO SEU **DINHEIRO**.

G	E	N	A	C	P	J	E	O	R	G	A	S	Z	Ç	O	L	C	O
L	S	P	O	R	Q	U	I	N	H	O	S	O	E	E	B	R	A	T
O	A	R	Ç	O	D	J	M	H	A	R	V	P	B	O	N	E	F	P
B	J	O	N	P	I	M	E	S	A	D	A	O	R	M	O	T	U	A
I	H	E	L	O	N	C	A	R	R	I	N	H	P	K	I	N	T	E
K	E	M	P	U	H	R	I	P	S	T	E	P	R	E	N	O	U	N
W	I	G	A	P	E	I	X	D	I	D	E	S	E	J	O	P	R	I
L	R	U	R	A	I	J	A	I	E	B	O	J	Ç	A	M	X	O	R
X	A	G	O	R	A	N	L	N	G	O	H	I	O	T	X	O	P	R
A	C	E	E	V	P	I	E	H	S	Ç	A	Q	A	C	E	T	E	Q
C	N	V	T	I	Q	U	M	E	C	O	N	O	M	I	Z	A	R	U
I	B	C	O	F	R	E	U	I	U	A	R	S	L	V	I	P	A	H
A	B	O	C	Z	F	A	L	R	G	E	A	M	X	E	G	Q	S	U
N	E	L	P	K	O	U	T	O	K	S	A	P	I	B	E	U	D	A

TODO O CONTEÚDO DA REVISTINHA ESTÁ DISPONÍVEL **AQUI!**



Ou aponte o smartphone ao QR CODE e acesse o conteúdo completo da revistinha.

Cabeça de

Juiz

Por Priscilla Peixoto e Marcos Mairton
Ilustrações Ascom AJUFE

Formado em direito e jornalismo, com experiência em jornal impresso antes de ingressar na magistratura, o ministro do Superior Tribunal de Justiça Og Fernandes, sempre esteve acostumado a sintetizar acontecimentos e ideias em poucas palavras.

Foi inspirado no comportamento humano e nas insatisfações dele próprio diante de suas vivências no Poder Judiciário, que o Ministro Og – como costuma ser tratado no Tribunal – aproveitou a comemoração dos seus dez anos de atuação na Corte e publicou o livro Cabeça de Juiz.

A obra, lançada em maio de 2018, reúne mais de 150 frases publicadas pelo ministro em sua conta do Twitter. Nelas, o magistrado tenta expressar o que se passa na cabeça de um juiz, desconstruindo o estigma, segundo ele, “da caixa preta que é o Judiciário”, sem o famoso “juridiquês”, e de fácil compreensão.

Ao perpassar as funções e dificuldades cotidianas da magistratura, a intenção do ministro é transmitir todas essas ideias não só à nova geração de juízes, mas ao público em geral.

Nesta entrevista, você, leitor, vai conhecer um pouco mais sobre o que se passa na cabeça de um juiz. Nesse caso, na cabeça do ministro Og Fernandes:

RCAAjufe: O que motivou o senhor a escrever “Cabeça de Juiz”?

Og Fernandes: Essa é uma história que começou com uma insatisfação minha com algumas coisas no mundo do Judiciário brasileiro. Não especificamente em Brasília, mas coisas que eu vinha a tomar conhecimento, por informações de colegas, leitura ou conversas. E eu não sabia muito como eu poderia contrariar aquilo que eu estava a perceber. Nesse mesmo tempo, um colega me chamou para fazer uma

palestra em um curso de iniciação à magistratura. Novos juízes haviam ingressado na magistratura em Pernambuco, meu Estado natal, e esse colega me perguntou qual o tema que eu gostaria de falar, porque eu tinha um perfil mais voltado para a área de processo penal, mas eu disse: “Não. Eu quero falar sobre comportamento”.

Comecei a fazer anotações sobre isso e, dessas anotações, eu

cheguei a divulgar minhas ideias. Mário de Andrade dizia algo assim: “Ninguém escreve para si, a não ser que tenha um ego muito grande”. Você escreve pra dar um recado, pra dizer o que você pensa do mundo. Na expressão de Mário de Andrade - que não chega a ser a minha - pra encantar. Mas, enfim, pra você tentar perenizar algumas ideias. Foi daí que surgiu ‘Cabeça de Juiz’. Como uma espécie de ironia.

RCAAjufe: E quando começou esse processo?

Og: Tem mais ou menos uns três anos. Quer dizer, a conversa com os juízes tem de três a quatro anos, e depois eu fui transformando o esboço que havia feito em pensamentos.

RCAAjufe: Primeiro surgiu a ideia, depois batizada de “Cabeça de Juiz”, ou veio tudo no mesmo momento?

Og: Não. O nome veio depois. Eu sou formado em jornalismo e trabalhei quase nove anos em jornalismo impresso, antes de ingressar na magistratura. E a escola do jornalismo, a atuação como jornalista, naquela época em que eu trabalhava, quando você não tinha computador, não tinha informatização, você tinha que escrever duas, três laudas de vinte linhas, e tinha que colocar o título da matéria, cuja batida também era de acordo com o número de linhas que você tinha pra editar na página. E, assim, desde muito cedo ficou no meu inconsciente essa coisa do título para o texto.

Hoje, o próprio sistema do Twitter, onde você tem que adaptar [o texto] a um número de caracteres, pra mim, não por modéstia, mas, porque eu me experimentei há muitos anos atrás nisso, não é tão difícil. Então, a ideia do título [do livro] veio depois dos textos.

Foi um nome que veio da ideia de querer mesmo expressar, ou pegar um mote de dizer o quê que tem na cabeça de um juiz. Como pensa um juiz. Vem da ideia da caixa preta, da ideia estigmatizada da caixa preta que é o Judiciário. Então, pareceu-me que despertaria alguma curiosidade o que um juiz pensa. Um juiz velho, que é o que eu me considero, pois já são trinta e sete anos de magistratura, então, o que é que um juiz velho pensa? E poder transmitir, no dizer do Mário de Andrade, poder transmitir essas ideias, não só a uma geração nova de magistrados, mas ao público em geral.

RCAAjufe: Essa era a próxima pergunta: a quem se dirige o texto de “Cabeça Juiz”?

Og: Sim, aos magistrados, mas também *urbi et orbi*. Digamos assim, eu gostaria muito que esse trabalho fosse distribuído em bancas de revista, bancas de jornal, de livros. Para que o cidadão comum – além do sistema de distribuição da editora, da própria livraria, que será uma segunda etapa – pra que qualquer cidadão, que se interessasse pela vida e pelo comportamento humano, pudesse ter acesso a ele. Porque, na realidade, embora voltado para minha experiência no Poder Judiciário, o trabalho fala do comportamento humano. De algumas crenças com o Direito, mas fundamentalmente do comportamento humano. Ao se falar em comportamento, tem que

se falar em relacionamento social, postura, etc. Então eu gostaria muito de ter um público que não fosse unicamente um público voltado especificamente para o Direito. É um trabalho acessível a qualquer cidadão que tenha curiosidade pela vida.

RCAAjufe: O senhor entende que já faz isso, de certa forma, através do Twitter? Essa aproximação com pessoas que não são da área jurídica? O senhor tem quantos seguidores no Twitter?

Og: Vou mostrar pra você (pega o celular), hoje não é tanto, mas é, com as limitações que a nossa profissão impõe, eu cheguei hoje a 11.500 seguidores. Não é nada considerável, mas é bastante, considerando, evidentemente que não pretendo concorrer com o Neymar (risos).

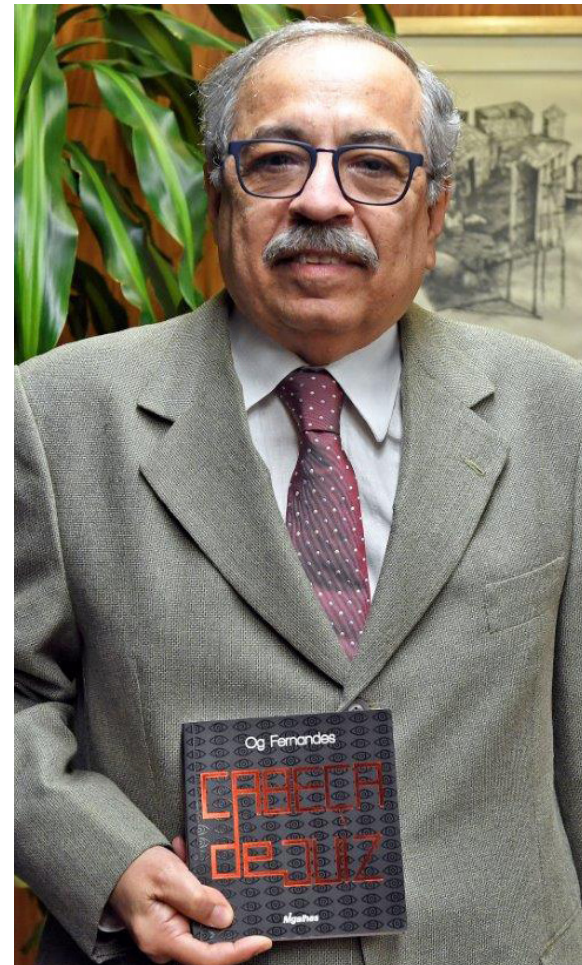


Foto Emerson Leal
SCO/STJ

RCAAjufe: Mas é muita gente, sim. Por isso a pergunta: desses 11.500 seguidores, certamente muitos não são da área jurídica, certo?

Og: Muitos não são, muitos não são... Já fiz esse levantamento. Eu tenho um público basicamente entre 25 a 45 anos, há muitos que têm outras preocupações, por exemplo, futebol, esportes em geral. Notícias políticas eu procuro não falar. Eu não posso falar de política strito sensu, e tenho limitações que a profissão impõe. Por exemplo: não falo de decisões do Judiciário; não falo de colegas; não falo de política ou do que está acontecendo. São, digamos assim, limitações que a própria ética nos impõe.

RCAAjufe: E o que se percebe é que o senhor não fala desses assuntos, nem para criticar, nem para elogiar...

Og: Não, não, obviamente. Você vê, que, no meu caso, há a figura pública de um Ministro do STJ, então nem foto minha eu coloco no cabeçalho do Twitter. É um pouco de passar a mensagem, embora eu diga que é um perfil pessoal, de que eu procuro restringir [o perfil] a critérios que eu mesmo adotei e continuo a achar que são adequados.

RCAAjufe: O senhor entende, então, que o juiz, mesmo na vida pessoal, continua juiz?

Og: Vinte e quatro horas por dia. Porque o dia só tem vinte e quatro horas. Se tivesse mais, seria mais. Não há como você dissociar a vida do magistrado no fórum, no tribunal, no palácio da Justiça, seja qual for a instância, e do lado pessoal. Se você

pega a literatura, a filosofia, Licurgo dizia, por exemplo, que nenhuma sociedade obedece às regras de um juiz que não dá o exemplo. Eu sou um juiz mais à antiga, e aqui não vai uma crítica a quem pensa diferente, mas esse é o meu estilo. Eu já entrei na magistratura pensando assim. Não há nada que tenha sido forçado. E até acho que algumas características de personalidade são necessárias pra você ingressar na magistratura, notadamente na magistratura de carreira. Sob pena de que você tenha um descompasso entre a sua personalidade, o seu estilo de vida e a imagem do magistrado.

RCAAjufe: “Cabeça de Juiz” não é um livro terminado?

Og: Não, não é, porque o pensamento é algo intrínseco à condição humana. Você só deixa de pensar quando você morre. Aliás, esse não é um trabalho que eu conseguisse fazer há 20 ou 30 anos atrás, porque ele é, digamos assim, uma visitação que eu faço a coisas, como disse, que vi, que li, que ouvi e que foram sendo armazenadas no inconsciente. Talvez trinta anos atrás eu conseguisse perceber aquilo que estava no meu entorno, ou em mim, ou acontecendo comigo, mas eu não conseguisse verbalizar, sem a experiência que a vida atraiu.

Cada frase dessa (com a voz emocionada), cada frase dessa – e são cerca de cento e sessenta

COMPRE [AQUI](#) O LIVRO “CABEÇA DE JUIZ”.

e tantos pensamentos – é uma história... cada uma foi uma vivência, foi algo que eu senti. Não posso dizer que dois ou três ou quatro pensamentos não reflitam uma mesma história. Mas, são todas resultado do dia a dia, da vivência como juiz.

RCAAjufe: Então, Ministro, para encerrarmos, são mais de 150 pensamentos, mas, se fosse para escolher um, para dizer para aquela pessoa, que não é juiz, mas quer ser juiz, existe algum que concentre uma ideia central, uma palavra especial?

Og: Não, não há não. Eu não consigo diferenciar. É como se, sinceramente, como se fossem vários filhos verbais. Você não consegue diferenciar uma ideia da outra, porque elas refletem momentos distintos. Em qualquer página que você abrir tem alguma coisa que refletiu uma história em que eu me detive.



Ou aponte o smartphone ao QR CODE para comprar o livro.



Ou aponte o smartphone ao QR CODE para segui-lo.

**SIGA O MINISTRO
OG FERNANDES
NO TWITTER:
[@ministro_og](https://twitter.com/ministro_og)**

**Quer participar da
97ª edição da
Revista Ajufe de
Direito Federal?**

**O prazo para envio
das contribuições
já está aberto!**

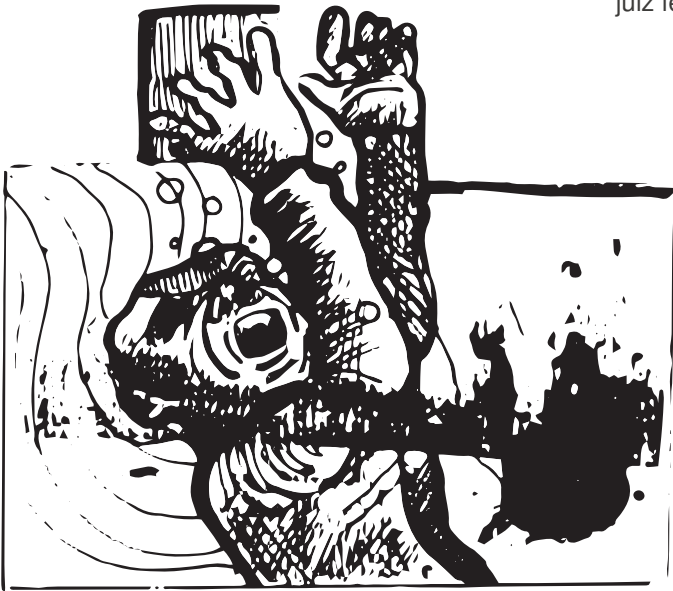


Encaminhe o artigo para: imprensa@ajufe.org.br

Breves Anotações de um andarilho

Microcontos
Marcos Mairton,
juiz federal

Ilustrações
Valdério Costa



Patrimônio

Tinha imóveis, barcos, carros importados e dinheiro.
O suficiente para viver confortavelmente por alguns anos.
Um dia, porém, percebeu que não era dono de uma única
molécula do ar que carregava nos pulmões.

Resignação

Sozinho, no carro, reconheceu que havia perdido o controle.
Agora, restava-lhe chamar o porteiro para abrir o portão.

Bagagem

- Sei que você viaja a pé por aí, mas tem casa, família e dinheiro. Suas viagens não seriam mais confortáveis de carro?

- Essa mochila já me pesa o suficiente - respondeu o andarilho. - Um automóvel pesaria bem mais.



COMPRE **AQUI**
O LIVRO
“BREVES
ANOTAÇÕES”



↖
Ou aponte o smartphone ao
QR CODE para comprar o livro.

Os contos e ilustrações acima são parte do livro
“Breves Anotações de um Andarilho” -
conteúdo das páginas 31, 47 e 53.

Cliques o ANO todo

Nesta seção, veja fotos que ilustraram o **Calendário Ajufe 2018**, recebidas por meio de concurso.





Autor: *Frederico Pereira Martins*
Local: *Clevelândia do Norte, Oiapoque (AP)*



Autor: ***Hiram Pereira***
Local: ***Monte Karupina, Terra Indígena Uacá, Oiapoque (AP)***



Autor: **Guilherme Andrade Lucci**
Local: **Lagoa do Taquaral, Campinas (SP)**



Autor: **Bernardo Lima Vasconcelos Carneiro**
Local: **Ilha do Guariju, Itarema (CE)**



Autor: **Victor Curado Silva Pereira**
Local: **Parque Estadual do Jalapão (TO)**



Autor: *José Geraldo Amaral Fonseca Júnior*
Local: *Pedra Furada, Jalapão (TO)*



Autora: **Marília Ivo Neves**
Local: **Lençóis Maranhenses (MA)**



Autor: *Rodolfo Kronenberg Hartmann*

Calendário Ajufe 2018

A Ajufe reuniu fotos e frases dos seus associados para produzir o calendário do ano 2018. Com a temática “A Paisagem Brasileira - Urbanismo e Natureza”, magistrados federais de todo o país puderam colaborar com a criação do calendário, enviando fotos urbanas e de belezas naturais, além de frases que conjecturem pensamentos jurídicos-filosóficos. Conheça as frases abaixo:

“O Direito Ambiental permitindo a sustentável coexistência diária das espécies e a renovação das delicadas energias do planeta”, de autoria do magistrado federal Victor Souza.

“Esperamos dos homens públicos que, ao menos, sejam autênticos como desalentadamente não querem ser. Talvez se assim fossem teríamos um esperançoso aperfeiçoamento de nós mesmos”, de autoria do magistrado federal Luiz Stefanini.

“A Justiça é arte quando desempenhada com amor, e quando esse amor inspira a coragem”, de autoria do magistrado federal Fabrício Fernandes de Castro.

“O justo tempo da Natureza não se compraz com a intranquila natureza de nosso tempo”, de autoria do magistrado federal Guilherme Andrade Lucci.







Mais um dia chegando ao fim, durante a 6ª edição da Expedição da Cidadania, realizada em Santo Amaro, no Maranhão, em setembro de 2017. Foto: JM Bezerra





AJUFE

Associação dos Juizes Federais do Brasil

ACESSE AS REDES SOCIAIS DA AJUFE:



/AJUFE_OFICIAL

/AJUFE_OFICIAL

/AJUFE_OFICIAL

/AJUFE

/AJUFE_OFICIAL

WWW.AJUFE.ORG.BR

SHS Quadra 6, Bloco E, Conj. A, salas 1.305 a 1.311
Brasil 21, Edifício Business Center Park 1
Brasília (DF) – CEP 70.322-915
Telefone: (61) 3321-8482